

Um panorama sobre a Enfermagem brasileira nas últimas décadas

Por Alex Nicolau

A Enfermagem no Brasil vive um dos momentos mais intensos de sua história. Desde o ano passado, a pandemia da COVID-19 mudou a percepção da sociedade sobre o trabalho do enfermeiro, reconhecendo, como em poucos momentos na história, sua importância social. Porém, mesmo diante desta crise, olhar para a cronologia da Enferma-

gem brasileira é compreender uma jornada permanente de muitas adversidades e, conseqüentemente, muitas lutas.

No mês de celebração ao Dia do Enfermeiro (12 de maio), reunimos nomes representativos da área para fazer um panorama sobre a atuação da Enfermagem brasileira, além da aplicação do ensino desta ciência nas últimas

décadas. Professores e coordenadores de diversas instituições e universidades federais dividiram suas histórias de vivência profissional, destacaram transformações e fatos históricos, apontaram aspectos positivos e negativos acerca do ensino e da atuação profissional e revelaram suas expectativas para o futuro da Enfermagem no Brasil. 🏆

FOTO: Acervo pessoal/Dorisdaia Carvalho



Dorisdaia Carvalho de Humerez

Coordenadora da Comissão Nacional de Enfermagem em Saúde Mental - Conselho Federal de Enfermagem (Cofen).

Minha carreira profissional começou em 1974. Me formei na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da USP. Naquela época, a sociedade desconhecia o trabalho da Enfermagem, mas havia um reconhecimento maior por parte dos outros

profissionais da saúde. Havia, também, mais opções e oportunidades de trabalho para os estudantes da área.

Passei por diversas áreas, atuando inicialmente na Nutrição Médica, em seguida como gerente de uma unidade metabólica na USP Ribeirão Preto e, mais tarde, dando aulas de Enfermagem Neurológica e Pós-Graduação Médica. Entre os diversos trabalhos, a maior parte da minha carreira foi construída como docente da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), na área da Saúde Mental.

Logo que iniciei na Saúde Mental, por volta de 1976, tudo o que havia eram atuações em manicômios, e estes eram locais de depósito de pessoas. Um lugar de muita crueldade, de ambiente fechado e muros altos, que na época foi chamado de “Holocausto brasileiro”. Numa enfermagem com capacidade para vinte pacientes, por exemplo, colocava-se cinquenta. As camas eram coladas uma na outra, e não havia lençóis. Os pacientes não tinham leitos fixos. Cada

um deitava onde havia espaço, e aqueles que estavam em melhores condições comandavam o ambiente.

As internações eram muito longas, e alguns pacientes permaneceram internados nos manicômios por décadas. Grande parte destes já não eram mais diagnosticados como loucos, pois o fato é que eles haviam perdido contato com as famílias e, por essa razão, se mantinham ali.

Em 1986, quando defendi minha tese de doutorado em Saúde Mental, intitulada “Em busca de lugares perdidos”, minha missão foi ouvir a história dos pacientes psiquiátricos, compreender suas necessidades, vontades e anseios. A essa altura, os pacientes já podiam retornar às suas residências, em vez de permanecerem internados em período integral. O curioso é que, através dos relatos, notei que alguns pacientes preferiam a internação ao invés de permanecer em casa, pois eram vítimas de maus tratos também em seus próprios lares. Ali eu me dei conta do

tamanho da luta que nós, profissionais da Saúde Mental, precisávamos travar.

A Reforma Psiquiátrica Brasileira era um sonho antigo dos profissionais de Saúde Mental. Inconformados com aquela situação, começamos a organizar congressos, encontros e passeatas em protesto àquele modelo de assistência. Quando as Conferências de Saúde eram realizadas, não havia nada relacionado à Saúde Mental. Tentávamos ocupar o nosso espaço e, como não era possível, realizamos a primeira Conferência de Saúde Mental por conta própria, organizada por um grupo de enfermeiros, médicos e terapeutas ocupacionais em favor da melhoria do atendimento.

No final da década de 80, ocorreu um fato muito interessante na cidade de Santos, no litoral paulista: a Secretaria Municipal de Saúde da cidade decidiu fechar o hospital psiquiátrico Casa de Saúde Anchieta – onde havia muitos casos de maus-tratos – e implantou os Núcleos de Atenção Psicossocial (NAPS), contratando profissionais da Saúde Mental para oferecer atendimento aos pacientes psiquiátricos e, assim, tratá-los com a dignidade merecida. Foi uma situação na qual percebemos que, de fato, era possível ver a Reforma Psiquiátrica acontecendo na prática.

Em 1989, tivemos um projeto de lei apresentado pelo deputado Paulo Delgado, que dispunha sobre a extinção progressiva dos manicômios e sua substituição por outros recursos assistenciais, além de regulamentar a internação psiquiátrica compulsória. Somente 12 anos depois, em 2001, a lei foi sancionada no país, sendo esta um substitutivo do projeto de lei original. Hoje eu tenho críticas a respeito dessa lei, pois, embora a Reforma tenha sido feita, desejávamos que os pacientes psiquiátricos vivessem na comunidade. Não éramos contra a existência de um hospital psiquiátrico, desde que este oferecesse um atendimento digno e tratasse os pacientes como cidadãos que eram.



No momento atual,
com as Novas
Políticas de Saúde
Mental, estamos
vivendo um momento
de decadência. Hoje
não há mais uma
Reforma Psiquiátrica
nos mesmos modelos,
com os mesmos
princípios. Os
princípios eram a
desinstitucionalização
e a reabilitação
psicossocial.



No momento atual, com as Novas Políticas de Saúde Mental, estamos vivendo um momento de decadência. Hoje não há mais uma Reforma Psiquiátrica nos mesmos modelos, com os mesmos princípios. Os princípios eram a desinstitucionalização e a reabilitação psicossocial. As residências terapêuticas, os centros comunitários, as enfermarias dentro dos hospitais gerais para internações curtas, todos estes eram locais substitutivos do hospital psiquiátrico. Hoje, porém, o hospital psiquiátrico também está colocado dentro da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), o que representa um grande retrocesso.

Os pacientes psiquiátricos são tratados com mais respeito atualmente, pelo menos pelos profissionais. Além disso, há grupos, conselhos nas áreas da enfermagem, da psicologia, do serviço social e da terapia ocupacional que ainda trabalham muito em favor da Reforma. Entretanto, dentro da própria Enfermagem, há grupos que preferem o retorno dos muros altos. Eu acho que eles gostariam que todos os pacientes psiquiátricos desaparecessem. A sociedade está passando por uma grande transformação por conta do COVID-19, apresentando transtornos mentais, pânico e depressão psiquiátrica. Talvez esse quadro mude a visão da sociedade em relação ao doente mental, pois as pessoas estão vivenciando um pouco tal realidade.

Eu vi e vivi a Reforma Psiquiátrica. Vi os pacientes nas ruas, mas nunca imaginei que iríamos retroceder nesse sentido. O retorno do hospital psiquiátrico representa, para mim, a volta do manicômio.

Eu me considero passado, mas um passado presente e vivo. Apesar de tantos anos de formação, ainda estou na luta a favor da Enfermagem, por acreditar na relevância da profissão, especialmente na Saúde Mental. Se a Enfermagem é pouco valorizada, a Enfermagem em Saúde Mental chega a ser estigmatizada. Por tudo o que aprendi, eu tenho consciência de sua importância para os profissionais da saúde e para toda a população. E luto pela sua valorização. 🐣



Rafael Soder

Docente do Departamento de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) - RS

O perfil do profissional da Enfermagem passou por uma mudança significativa nos últimos tempos, bem como sua formação acadêmica. Assim como aconteceu em diversas áreas de atuação, como Medicina, Nutrição e Fisioterapia, a Enfermagem vai se definindo para o caminho das especializações. É comum que, antes mesmo da formação generalista e durante a própria graduação, o aluno se direcione para sua área de interesse.

Acredito que seja uma nova geração mais inquieta, no sentido de não desejar mais ocupar o mesmo espaço durante muito tempo, exercendo as mesmas funções. Não sei opinar se esse é definitivamente um fator positivo ou negativo, mas percebo uma mudança no perfil dos alunos de hoje, em relação à atributos como comprometimento, seriedade, convicção e respeito aos colegas e professores.

Houve abertura de novos cursos de Enfermagem de maneira exponencial nos últimos tempos. Como a educação virou um comércio e a Enfermagem está inserida nesse contexto, a quantificação de cursos resultou na diminuição da qualidade do

ensino. Houve um controle de quantificação na Medicina, por exemplo, com o objetivo de manter a qualidade do ensino. Mas isso não aconteceu na nossa profissão.

Nos últimos anos surgiu o modelo de Ensino à Distância (EAD). Atualmente, os cursos desta modalidade estão melhor estruturados e organizados, bem avaliados no MEC e com mais exigência de estudos teóricos. Difícil comparar tal modelo com os cursos presenciais, já que estes oferecem um mecanismo e uma condução que aproxima mais a relação entre docentes, discentes, usuários e comunidade. O mercado de trabalho é quem vai responder, no futuro, sobre a eficiência dos cursos à distância.

Em relação à atuação dos profissionais da Enfermagem no mercado de trabalho, acredito que o enfermeiro se tornou um profissional "burocrático". Há dois anos, realizei um estudo sobre quanto tempo o enfermeiro demanda na gestão da sua atuação e quanto tempo demanda na assistência. A gestão já está se sobrepondo à assistência significativamente.

A demanda da população cresceu muito em nível hospitalar e principalmente na atenção primária. A quantidade de usuários atendidos no SUS é muito maior atualmente do que há 20 anos, por exemplo. Por vezes, o atendimento quantitativo está se sobrepondo ao qualitativo, pela necessidade de atender a essa alta demanda e, consequentemente, atingir os indicadores, já que a alta produtividade reverte-se em verba pública.

Sobre a questão da valorização do profissional, eu sou duro quanto a isso. Acredito que o grande culpado pelo desprestígio da área somos nós mesmos. Infelizmente, muitos profissionais estão distantes do universo acadêmico. Normalmente o enfermeiro se forma, é direcionado ao mercado de trabalho, faz uma especialização e acredita que isso já basta. Há pouco ou nenhum envolvimento em pesquisas ou novas qualificações

e capacitações. Esse distanciamento, que nenhum profissional deveria ter seja qual for a sua área de atuação, é muito comum na área da Enfermagem.

A pandemia da COVID-19 colocou o enfermeiro em certa evidência. Mas acredito que, infelizmente, essa visibilidade é temporária. Mesmo diante dessa situação, mal conseguimos discutir um projeto de lei extremamente importante para a Enfermagem no Brasil. Quem dirá após a pandemia? Em nível nacional, os veículos de comunicação cedem o seu espaço para declarações de virologistas, epidemiologistas, infectologistas, mas não se vê na grande mídia enfermeiros como porta-vozes de sua própria área de atuação.

É necessário que o enfermeiro compreenda sua posição de gestor em um determinado espaço. Não é necessário que outro profissional da saúde oriente suas ações, a não ser no caso de um modelo de interprofissionalidade, ou seja, o conhecimento do profissional se agregando ao conhecimento do colega, formando juntos uma nova linha de conhecimento. Essa ideia de que a Enfermagem é uma vocação ou uma arte é errônea. Enfermagem é ciência, e deve ser tratada como tal.

O que eu espero para o futuro é que o enfermeiro esteja mais próximo da ciência. Mais próximo da realidade, dos números e das evidências. Temos, como dever, inovar, buscar tecnologias disruptivas e incrementais. Utilizamos muito das tecnologias incrementais, que significa mudar algo para melhor. Mas não fazemos muito uso das tecnologias disruptivas. Isso quem vai conseguir realizar é uma minoria, mas esta precisa ter mais voz e visibilidade.

Eu cito o exemplo de um profissional de enfermagem afastado por 20 anos de sua profissão. Se, após todo esse período, ele retorna e é capaz de realizar seu trabalho normalmente, alguma coisa está errada. É a maior evidência de que, na verdade, não houve evolução na nossa profissão. 🐦



Fabíola Baroni

Coordenadora da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – MG.

Desde a minha formação na graduação, no fim da década de 1990, vivenciei diversas transformações na área da Enfermagem. Uma delas diz respeito à formação e profissionalização dos estudantes: de lá para cá, houve uma expansão quantitativa e qualitativa de cursos de graduação e pós-graduação, o que, consequentemente, ampliou as perspectivas de inserção dos alunos no mercado de trabalho, incluindo a docência e a pesquisa. Isso fortaleceu e vem fortalecendo os saberes construídos neste campo.

Nesta mesma perspectiva, houve a profissionalização dos demais trabalhadores da área de Enfermagem, antes divididos em atendentes, auxiliares e técnicos de enfermagem, não necessitando os primeiros de quaisquer certificações para trabalhar na área. Por meio de projetos do Ministério da Saúde (MS) e do apoio de entidades como a Organização Panamericana de Saúde (OPAS), projetos como o Larga Escala, por exemplo, possibilitaram a profissionalização desses trabalhadores, que passaram a atuar de forma regulamentar e em acordo com

a Lei do Exercício Profissional da Enfermagem.

Outra transformação notável foi nos modos de trabalho do enfermeiro em áreas historicamente consagradas de sua atuação, como as Unidades Básicas de Saúde (UBS) e os hospitais. Com a instituição do Sistema Único de Saúde (SUS), houve o incremento das ações da Atenção Primária em Saúde (APS) e, por conseguinte, o profissional da enfermagem ganhou autonomia em suas funções e atividades, visto que este é preparado para cuidar do ser humano de modo integral, o que inclui o indivíduo, a família e a comunidade. Consultas de Enfermagem, visitas domiciliares, elaboração de protocolos e de programas coletivos, vacinação, coordenação de equipes da Estratégia Saúde da Família (ESF), gestão das UBS e participação na elaboração de políticas públicas de saúde passaram a fazer parte de seu escopo de trabalho.

Com o avanço tecnológico, a especialização da assistência e a ampliação dos meios diagnósticos, os hospitais passaram por uma transformação substancial de perfil nas últimas décadas. Sua gestão passou a ser nos moldes empresariais, estabelecendo-se a busca pela qualidade e eficiência e, muitas vezes, pela concorrência e lucratividade. Considerando que o profissional enfermeiro possui formação na área assistencial e de gestão, estes passaram a se especializar cada vez mais para acompanhar os avanços tecnológicos quase diários, que acompanham a assistência em saúde.

Outra transformação de destaque na última década são os serviços autônomos e o empreendedorismo. Em médios e grandes centros, já é uma realidade a aplicação de serviços de prestação de cuidados domiciliares, fornecimento de equipamentos e dispositivos de assistência, amamentação, obstetrícia, cuidados com feridas, esterilização, gestão de ins-

tituições de longa permanência, entre outros.

Há uma valorização da Enfermagem, ainda que não acompanhe os anseios e as necessidades da classe. Hoje, a luta pela valorização tem como alvo melhores condições de trabalho, o que inclui melhor remuneração, carga horária adequada e, em muitos casos, condições mínimas para a efetivação do trabalho em si. Historicamente, a Enfermagem brasileira se constitui no maior contingente de profissionais de saúde, e é marcada por ser uma profissão feminina, de mulheres pretas, menos favorecidas social e economicamente. Uma profissão de auxílio médico, o que impacta nos processos de trabalho presentes. No meu entendimento, é justamente dessa “possível fragilidade” que vamos tirar nossa força.

Acredito que a educação na Enfermagem está evoluindo. Porém, essa evolução é discutível, não apenas na perspectiva da nossa profissão, mas em todas as demais áreas. Nos últimos tempos, as universidades públicas ampliaram o acesso daqueles que tinham poucas condições de adentrar ao ensino público gratuito de qualidade. No entanto, e em paralelo, a educação pública vem encolhendo por conta da falta de investimento. Ao mesmo tempo, com a mercantilização do ensino, o sistema privado vem ganhando cada vez mais espaço. Os impactos desse deslocamento de forças se darão nos modos de trabalho e na inserção social dos egressos deste sistema, que passará a ter menos compromisso com a coisa pública e com os interesses da maioria marginalizada.

Para o futuro, eu desejo solidariedade, bom ânimo, união e compromisso ético. Pilares que, juntamente com a formação técnico-científica, contribuirão para uma caminhada de sucesso desta complexa e fundamental profissão chamada Enfermagem. 🐾

FOTO: Acervo pessoal Larissa Chaves



Larissa Chaves Pedreira Silva

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Saúde da Universidade Federal da Bahia (UFBA) - BA.

Na minha vida pessoal e profissional, vivenciei muitas transformações na Enfermagem. Ainda adolescente, algumas das minhas visitas ao local de trabalho da minha mãe, que também era enfermeira, fizeram com que eu me encantasse pela profissão. Na minha percepção da época, o enfermeiro exercia, sozinho, atividades administrativas e assistenciais, tomando conta do paciente e ao mesmo tempo da própria unidade de atendimento.

Nessa época, poucas pessoas conheciam a respeito do trabalho da Enfermagem.

Quando me formei, há 30 anos, trabalhei numa unidade de terapia intensiva e vivenciei uma época (década de 80) muito intervencionista. A Enfermagem pautava muito o seu cuidado em intervenções baseadas nas prescrições médicas. Não tínhamos a Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) na prática, embora ela tenha sido implantada no Brasil desde 1970.

Me formei e sempre atuei no estado da Bahia. Naquela época, no Nordeste, havia um programa de residência em Enfermagem Médico-Cirúrgica, porém era pouco divulgado. Trabalhávamos com referências e com um modelo de atenção biomédico, inclusive na faculdade, onde estávamos voltadas para a fisiopatologia da doença, sinais, sintomas, diagnóstico médico, tratamento médico e cuidados de Enfermagem.

A obrigatoriedade da implementação da SAE em 2002, através do Conselho Federal de Enfermagem (Cofen), foi um marco positivo. O profissional ganhou autonomia e visibilidade ao seu cuidado, respaldado em um pensamento crítico, no raciocínio clínico e na integralidade das pessoas. Vejo que, a partir daí, a Enfermagem vem se apropriando cada vez mais do seu cuidado em diversos cenários.

Hoje a Enfermagem tem mais autonomia, trabalha mais com base em seus diagnósticos, reconhece o seu papel na equipe

de saúde e é mais reconhecida por esta. Enfermeiros epidemiologistas e de outras especialidades atuam em grandes frentes, assumindo cargos estratégicos e em pesquisa. De certa forma, fatores como o envelhecimento da população, a prevalência de doenças crônicas, a necessidade do cuidado continuado a essas pessoas e o movimento de desospitalização precoce resultam na demanda de novos profissionais da Enfermagem.

Com a oferta de pós-graduação avançada, o profissional consegue se capacitar mais e aprofundar o estudo em uma área específica, tornando-se especialista e reconhecendo, assim, o seu cuidado, embasando-o cientificamente em referências da Enfermagem. Temos grandes referências e bibliografias de peso para consultar e embasar as nossas ações.

Eu observo a luta pela redução da carga horária e o estabelecimento de um piso salarial compatível, que ainda necessita de muita união de profissionais e forte articulação política. Essa vitória seria importante para a valorização e avanço da profissão. Além disso, é preciso melhorar as condições de trabalho, com um bom planejamento, execução do dimensionamento da equipe, provisão de recursos materiais adequados, educação em serviço e treinamentos. 🐦

FOTO: Acervo pessoal Mônica Chiodi



Mônica Chiodi Toscano de Campos

Professora Adjunta IV do Departamento de Enfermagem da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília (UnB) - DF

Nos últimos 15 anos, a Enfermagem no Brasil ganhou mais autonomia, principalmente

quando consideramos o contexto da atenção básica, com o desenvolvimento de programas de saúde que permitiram ao enfermeiro atuar com mais independência.

Grandes nomes da Enfermagem brasileira ganharam destaque internacional através de suas pesquisas. Mas ainda esbarramos na questão da falta de salários dignos, na sobrecarga de trabalho e, principalmente, na falta de reconhecimento. A Enfermagem não

é uma categoria submissa aos profissionais médicos. Ela tem competência técnico-científica para atuar nas equipes de saúde, promovendo assistência e gestão do cuidado.

O ano de 2020 foi definido como o "Ano da Enfermagem". No entanto, não imaginávamos que seria diante de uma pandemia. Ganhamos aplausos, mas não ganhamos valorização. Há anos estamos brigando pelo nosso piso salarial e, mesmo diante desse cenário, as corporações médicas, visando apenas lucro, pedem a suspensão da votação do projeto de lei criado para esta finalidade. Enquanto os profissionais de Enfermagem continuam ganhando salários baixos, jornadas duplas e triplas de trabalho serão mantidas. Essa sobrecarga acaba afetando a qualidade da assistência aos pacientes e

ainda predispõe o profissional à ocorrência de acidentes de trabalho.

Tivemos um grande avanço na educação, considerando a ampliação do número de vagas, principalmente com o programa de expansão das universidades federais. Nesse mesmo período, ocorreu uma importante estratégia que permitia aos alunos de graduação o intercâmbio em universidades no exterior, promovendo parcerias entre as universidades brasileiras e estrangeiras, além de investimentos em laboratórios de pesquisa e ensino.

Mas essa expansão precisa ser acompanhada de recursos humanos e materiais, principalmente quando não consideramos os grandes centros. A abertura de cursos no ensino privado também ampliou o acesso. Dessa forma, é necessário manter uma ava-

liação frequente dos cursos de Enfermagem para garantir a qualidade do ensino.

Acredito que a valorização da Enfermagem é um fator fundamental para manter a qualidade da assistência. Especialmente a partir de 2020, profissionais se destacaram na área da pesquisa. Vimos um enfermeiro epidemiologista ganhando destaque nacionalmente, além dos avanços significativos na área do empreendedorismo, com aberturas de casas de parto privadas e consultórios de consulta de Enfermagem, por exemplo. A nossa área precisa ser reconhecida fora das paredes de hospitais e unidades de saúde, pois, além de possuir capacidade técnico-científica para atuar na assistência, profissionais vêm se destacando internacionalmente, inclusive atuando na formulação de políticas públicas de saúde. 🐾

FOTO: Acervo pessoal Mônica Chioldi



Maria Conceição Filgueiras Ferraz Araújo

Professora Titular do Departamento de Ciências da Saúde da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) – BA

Historicamente, nossa profissão ganhou legalidade a partir da lei e decreto do exercício profissional, que definiu a categoria profissional do enfermeiro e demais componentes da equipe. A extinção da formação do auxiliar de Enfermagem, bem como a oferta de cursos que permitiram a profissionalização do mesmo como técnico, buscou

eleva o conhecimento científico desse profissional através da qualificação.

A criação do PACS (Programa de Agentes Comunitários de Saúde) e da Estratégia de Saúde da Família (EFS) possibilitou ao enfermeiro fortalecer a educação permanente em serviço, assim como os programas nos diversos níveis de atenção à saúde. A elaboração e legalização das DCNs (Diretrizes Curriculares Nacionais) em 2001 nortearam os projetos pedagógicos dos cursos. As diversas resoluções do Conselho Federal de Enfermagem (Cofen) têm aberto e legalizado as áreas de atuação do enfermeiro, e com isso há uma maior visibilidade para que o profissional da Enfermagem se torne um empreendedor.

A maior oferta de cursos de Enfermagem, tanto em instituições públicas quanto privadas, ampliam essa formação. Entretanto, chamo a atenção para a qualidade técnica desses cursos e as entidades de classe. Os profissionais precisam estar atentos a essa formação. Aponto críticas ao fato de ainda não termos uma avaliação profissional que, ao meu ver, deveria ser aplicada pelo sis-

tema COFEN/CORENs, com o objetivo de validar a competência técnica e científica desses profissionais no mercado de trabalho.

Os cursos de especialização lato e stricto sensu cresceram consideravelmente no cenário nacional, e com certeza têm contribuído para a qualificação desses profissionais.

Para o futuro da Enfermagem no Brasil, eu espero uma sensibilização da categoria para buscar a legalização de um piso salarial e carga horária compatíveis com a formação técnica e profissional de seus diversos agentes. É uma luta antiga e, mesmo hoje em dia, com pouca visibilidade e respeito por parte dos parlamentares e das instituições corporativas da saúde.

Espero maior envolvimento dos estudantes de Enfermagem na aquisição de conhecimento científico e profissional, através da oferta de bons cursos de graduação e especialização. Desejo que eles participem mais de eventos e publicações científicas, embora eu reconheça que os baixos salários e a carga horária excessiva, que geram a precarização do trabalho, comprometem essa participação significativa. Além disso, espero maior participação da categoria nos órgãos de classe. 🐾

FOTO: Acervo pessoal Carlos Leonardo



Carlos Leonardo Figueiredo Cunha

Professor Adjunto do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Pará (UFPA) – PA

No Brasil, acredito que a transformação mais notável na área da Enfermagem tenha

sido a competência científica. Atualmente o exercício da profissão é pautado cada vez mais em evidências científicas, adquiridas por meio da produção do conhecimento. O perfil da área da Enfermagem está passando por mudanças significativas. Observa-se, hoje, algumas tendências em relação à profissão, tais como o rejuvenescimento e a masculinização dos profissionais da área.

Com a criação do Sistema Único de Saúde (SUS), em 1988, ocorreu a municipalização dos serviços e a expansão do mercado de trabalho para Enfermagem. Como impacto, observou-se o aumento da visibilidade social da profissão. No entanto, diversos projetos em prol da área estão sem tramitação no Congresso Fede-

ral, como é o caso do estabelecimento da jornada de 30 horas de trabalho, do piso salarial e dos locais para descanso dos profissionais. Tal realidade aponta a necessidade de uma maior articulação política da nossa profissão.

Em relação à educação na Enfermagem, houve aumento no número de escolas de Enfermagem na região amazônica, com predominância de instituições privadas. Porém, com vazios educacionais ainda presentes em algumas regiões. Destaco também a expansão do Programa de Pós-Graduação.

Para o futuro, eu espero uma Enfermagem forte, empoderada profissionalmente, valorizada socialmente, com reconhecimento de sua competência técnica e com regulação profissional. 🐦

FOTO: Acervo pessoal Mônica Chiodi



Mirna Albuquerque Frota

Coordenadora do Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) - CE.

As transformações mais notáveis na Enfermagem brasileira referem-se aos campos de atuação, que não economizaram esforços em protagonizar mudanças, buscando repensar

“ O futuro da Enfermagem no Brasil está predominantemente ligado à ampliação de investimentos em educação, sobretudo no aprimoramento dos profissionais na área de pesquisa e assistência ”

sua prática, modernizar e flexibilizar sua estrutura, além de rever antigos conceitos e princípios. Destaco algumas transformações atuais, como, por exemplo, o grande número de enfermeiros em posição de liderança. Ressalto tendências promissoras nas áreas de saúde da família e serviços domiciliares (home care), como o caso da Enfermagem Forense, entre outros.

A valorização da área ainda está em processo, buscando avanços significativos. Mas o que podemos vivenciar entre o passado e o presente da profissão é um reconhecimento processual de que os enfermeiros são protagonistas essenciais na construção da qualidade de vida da população. O cenário poderia ser melhor, mas estamos ganhando cada vez mais relevância e atenção da sociedade brasileira. A Assembleia Mundial da Saúde de 2019 designou 2020 como o ano dos profissionais de Enfermagem e Obstetrícia. A pandemia do COVID-19 trouxe – e

está trazendo – crescimento no reconhecimento da Enfermagem como profissão, e assim nos revela a necessidade de defender mais investimentos e melhores condições de trabalho.

O futuro da Enfermagem no Brasil está predominantemente ligado à ampliação de investimentos em educação, sobretudo no aprimoramento dos profissionais na área de pesquisa e assistência. De

acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), o mundo precisa de mais 9 milhões de profissionais de Enfermagem e Parteiras para atender todo o sistema de saúde até 2030.

Outro aspecto que merece destaque é a busca pela aprovação do PL 2564/2020, de criação do piso salarial. Ressalta-se melhores conquistas relacionadas à promoção da regulação de condições de

trabalho e acredita-se no crescimento da categoria nas políticas nacionais e internacionais. O futuro da Enfermagem se concretizará com a ampliação e a disseminação de práticas inovadoras, acumulando força e responsabilidade no campo da assistência à saúde. Consequentemente, haverá maior reconhecimento na área, atraindo mais profissionais e expandindo o seu âmbito de ação. 🐣

FOTO: Acervo pessoal / Carlos Leonardo



Laura Christina Macedo

Coordenadora do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Paraná (UFPR) - PR

Eu me formei em 1999. Desde então, venho atuando na área da saúde coletiva. No início, trabalhei com Estratégia de Saúde da Família (ESF) e, mais tarde, ministrei aulas para cursos técnicos. Desde 2006 sou professora na Universidade Federal do Paraná.

Através da minha vivência profissional, pude notar o papel extremamente importante do enfermeiro na consolidação da ESF, como profissional gestor, facilitador e estimulador do trabalho interprofissional. Sua atuação é mais do que somente coordenar a equipe de Enfermagem. Hoje em dia, sua liderança nesse processo é reconhecida. A Enfermagem assumiu muitos casos de gestão na saúde coletiva,

“

Destaco também a Enfermagem como principal responsável pela evolução e consolidação do Programa Nacional de Imunização, apesar das adversidades sofridas pela classe diante da crise da pandemia do COVID-19.

”

na saúde pública, em níveis municipais, estaduais e federais.

Destaco também a Enfermagem como principal responsável pela evolução e consolidação do Programa Nacional de Imunização, apesar das adversidades sofridas pela classe diante da crise da pandemia do COVID-19. A diminuição e extinção de casos de doenças imunopreveníveis, por exemplo, aconteceu em grande parte graças ao trabalho dos enfermeiros.

Talvez a população ainda não consiga dimensionar a importância do trabalho do enfermeiro, e do quanto eles estudam para conseguir atingir uma posição profissional. A Enfermagem é uma profissão baseada na ciência. Felizmente podemos notar, dentro das universidades, a valorização dos professores dessa área, reconhecidos pela sua alta qualificação. Há cursos de mestrado e doutorado acadêmico e mestrado profissional, onde formamos especialmente mestras e doutoras. Ainda é uma profissão prioritariamente feminina.

Precisamos de um reconhecimento mais palpável e material, com salários dignos, EPIs adequados para exercício do trabalho, jornada de 30 horas garantidas e espaços de descanso, para que os profissionais retornem ao trabalho no dia seguinte com condições de fazer o melhor possível pela comunidade. São profissionais que amam o que fazem, mas precisam ser mais respeitados nas suas necessidades básicas. 🐣